

## Mesmo com as idas canceladas no Carnaval, Páscoa e Verão, nas seis semanas no princípio do ano e 10 semanas no Verão houve 248 participações. O objectivo é alargar cada vez mais o período de permanência na ilha dourada

248 participações num total de 16 semanas de permanência na ilha do Porto Santo. Este é, em grosso modo, o balanço da actividade da EMIR - Equipa Médica de Intervenção Rápida naquela ilha em 2020.

Ao DIÁRIO, o coordenador da EMIR e médico cirurgião cardiotorácico, António Brazão, começa por explicar que o ano está a ser atípico, muito por força da pandemia de COVID-19 e por isso prefere não fazer comparações, até porque não dispõe de dados que as possibilitasse, mas recorda que em 2020, mesmo tendo a EMIR cancelado as idas ao Porto Santo na altura do Carnaval, Páscoa e festividades de São João (final de Junho), este foi o ano em que a equipa socorreu mais pessoas na ilha dourada.

Recorde-se que foi em 2015 que o Governo Regional, através da Secretaria da Saúde, determinou a presença de equipas da EMIR no Porto Santo. Inicialmente essa presença foi garantida apenas no Verão, tendo depois sido alargada para outros momentos do ano em que a densidade populacional da ilha aumenta por força da procura de turistas madeirenses e não só: Carnaval, Páscoa e São João. António Brazão esclarece que a presença da EMIR nessas alturas não está ligada ao facto de lá estarem muitos madeirenses ou estrangeiros.

“Podia ser só porto-santenses regressados à terra. Tem a ver com o número de pessoas, porque quanto mais elevada for a densidade populacional, maior a probabilidade de ocorrer um evento”, explica.

Por exemplo, este ano, “decidimos dar apoio no mês em que o navio Lobo Marinho faz a sua manutenção. Iamos só durante o mês de Janeiro e acabamos por ir 6 semanas”, acrescenta. “Decidimos ir nesse período porque em anos anteriores aumentavam significativamente as transferências aeromédicas graves, até porque é a altura das pneumonias e infecções respiratórias... Assim, ter uma equipa diferenciada no local seria uma mais-valia”, diz o coordenador.

E foi isso mesmo que se verificou. Entre 5 de Janeiro e 6 de Fevereiro, primeira fase de permanência da EMIR no Porto Santo, houve 147 participações, 97% de situações com origem médica e 3% de trauma.

Nessa mesma altura, quando a Região já se preparava para o novo coronavírus, mesmo ainda longe de saber que se tornaria numa pandemia, as equipas que estiveram no Porto Santo, antes de regressar à Madeira, tiveram a oportunidade de formar o corpo de bombeiros locais para a utilização de EPI (equipamento de protecção individual) e como

agir face a casos suspeitos e confirmados de infecção, “à luz dos conhecimentos que tínhamos na altura”.

Entretanto a Organização Mundial de Saúde decretou pandemia e o país entrou em estado de Emergência, fazendo com que a EMIR cancelasse as três restantes viagens e estadas no Porto Santo.

O regresso deu-se a 12 de Julho e durante 10 semanas (até 20 de Setembro). Durante este período as equipas da EMIR foram chamadas a 101 ocorrências, 84% do foro médico e 16% do foro de trauma.

Mesmo sem querer fazer comparações, António Brazão salienta uma evidência: “Nas seis semanas de Janeiro tivemos uma actividade muito maior do que no Verão”.

Em termos de transferências aeromédicas acompanhadas pela EMIR em 2020, o coordenador adianta que no período entre Janeiro e Fevereiro realizaram-se 9 e nas 10 semanas do Verão foram 20. Assim, este ano, somaram-se 29 transferências aeromédicas.

Já as acções de sensibilização à população em geral ou dirigidas a nichos populacionais, que a EMIR habitualmente realizava na praia ou no centro de saúde, durante o período de Verão, assim como as sessões clínicas rea-

lizadas no centro de saúde, tiveram de ser canceladas por força da pandemia de COVID-19. Para o próximo ano, se a situação pandémica continuar, António Brazão refere que estas são actividades que terão de ser repensadas.

### **Estender cada vez mais a presença da EMIR**

Agora, o objectivo é o de aos poucos, de forma que se entenda ser exequível, alargar ao máximo a presença da EMIR no Porto Santo. “Nós temos feito um esforço para que o apoio ao Porto Santo vá aumentando dentro das nossas possibilidades”, sublinha, mas sempre tendo em conta que para ter duas equipas da EMIR deslocadas naquela ilha durante um determinado período de tempo, implica fazê-lo sem prejuízo do resto do trabalho ao nível do SESARAM, até porque, na Região, para pertencer à equipa de emergência tem de fazer parte, obrigatoriamente do Serviço de Saúde da Região.

Assim, para concretizar o objectivo de alargar cada vez mais no tempo a permanência da EMIR no Porto Santo, António Brazão explica que são necessários mais meios. “Não necessariamente na EMIR mas no SESARAM”. O cirurgião cardiotorácico garante que não se queixa dos meios disponíveis actualmente na EMIR. “Somos 16 médicos neste momento”, diz, admitindo que, mesmo aumentando esse número, existiriam sempre turnos em que sentiria dificuldade em gerir os recursos humanos, como os turnos da manhã, em que as necessidades do SESARAM aumentam. “Se tivermos, de hoje para amanhã, um hospital repleto de especialistas, em que não seja necessário andar a gerir com cuidado para retirar recursos que são necessários, então mais depressa nós conseguiremos dar o apoio ao Porto Santo no ano todo”.

A verdade é que António Brazão admite que a presença da EMIR no Porto Santo é uma mais-valia, não só pelas emergências propriamente ditas, mas também pelo apoio que os elementos das equipas, por ser multidisciplinar e abarcar pessoas de variadas especialidades, dão em casos muito específicos que podem surgir no Centro de Saúde local.

De qualquer modo, enquanto ainda não há certezas e quaisquer decisões superiores (Secretaria da Saúde e Serviço Regional de Protecção Civil) quanto à deslocação da EMIR ao Porto Santo em 2021 e datas para o fazer, o coordenador refere que os recursos estão já preparados e disponíveis para ir em Janeiro, como aconteceu em 2020. “O nosso parecer técnico é que sim”, diz, acrescentando que “a decisão final depende dos superiores”.

## **Menor afluência às Urgências**

No Verão passado, houve uma menor afluência às Urgências do Centro de Saúde do Porto Santo. De acordo com o director daquela unidade de saúde, Rogério Correia, “neste ano foi 75% do movimento normal” nos meses de Verão. “Houve mais pessoas no Porto Santo, sobretudo em residências locais e não tanto em hotéis, mas a procura da Urgência foi menor”, diz o responsável. Sem poder dar explicações definitivas sobre esta diminuição, o médico admite que poderá ter existido “mais critério na procura da Urgência, até eventualmente pelo medo de contágio, podem ter optado pela ida às Urgências só mesmo quando necessário”.

Rogério Correia acrescenta ainda que se notou alguns casos de consumo em excesso de álcool, mas também foram menos do que no ano transacto. “Os bares também encerraram mais cedo e houve maior controlo e fiscalização”, adianta.

O director do Centro de Saúde do Porto Santo refere ao DIÁRIO que durante os últimos meses e sobretudo durante os meses de Verão, a equipa daquela unidade teve uma outra ‘frente’ de trabalho e que se tratou do controlo das entradas no Aeroporto da ilha, que implicou a triagem dos passageiros de, em média, um voo diário. “O resto correu tudo bem”, diz Rogério

Correia. “Tivemos alguns casos positivos de COVID-19, de que toda a gente ouviu falar já que foram públicos”, recorda, mas de resto, garante o médico, correu tudo dentro da normalidade. “Agora estamos com zero casos de covid, com as consultas em pleno, mas mantendo todos os cuidados para que, se houver alguma caso suspeito ou positivo podermos agir logo, evitando ao máximos os riscos de transmissão”.

De qualquer modo, Rogério Correia diz que, verificando-se a situação actual de zero casos e tudo a funcionar na normalidade, “é muito bom começar a época Outono/Inverno desta forma”.

